

O Candidato e o Amor Da Justiça

Raul PILLA

19-8-45

(Copyright dos "Diários Associados")

No homem hão-de buscar-se as qualidades capazes de recomendar o candidato. Se o programa é muito, longe está de ser tudo. Princípios que se formulam, mas não se sustentam sinceramente e, ainda menos, se realizam, deixam de ser princípios, para se tornarem a negação de si mesmos. E' o caráter do candidato quem lhes dá vida e consistência.

Assim, belos, oportunos e necessários eram os princípios levantados pela Aliança Liberal em 1929 e propugnados pelas armas em 1930. Entretanto, qual foi a sua eficácia? Nenhuma, porque a um homem insincero foi, em má hora, confiada a sua realização. O sr. Getúlio Vargas fez, como governante, justamente o contrário do que prometera como candidato: Que valem em tais mãos os princípios? Nada, menos que nada, porque uma coisa é deixar de cumprir o prometido e outra é fazer, exatamente o oposto do que se prometeu.

Com a União Democrática Nacional isto não poderá acontecer. Foi ela quem desfraldou a bandeira da reconstituição democrática, a que tiveram também de acostar-se as forças reacionárias, e ela foi quem, para a sustentar e defender, foi buscar, em Eduardo Gomes, um leal e esforçado paladino. Os princípios que levantámos jamais poderão ser traídos ou, sequer, esquecidos, por estar na formação moral do candidato a sua maior garantia.

Eduardo Gomes é um sincero e provado democrata e, como tal, um homem profundamente amante da liberdade e da justiça.

O amor da justiça — fundamento de toda sociedade civilizada — nele se manifestou precocemente, como toda virtude que tem as suas raízes no mais profundo da personalidade. Assim, no esboço biográfico já citado, narra-se o seguinte episódio:

"Um dia — conta um dos seus companheiros de colégio, num diário íntimo, que tivemos oportunidade de ler, — o menino Eduardo tomou uma atitude que assombrou os seus professores. Havia no colégio um garoto, muito tímido, desconfiado, que estava cursando de favor, porque o pai era paupérrimo, a quem se atribuíam todas as travessuras da classe. O pequeno tinha sido castigado diversas vezes por "crimes" que nunca cometera. Ora, acontece que, um dia, um garoto filho de pai rico, fez a caricatura do professor com duas grandes orelhas de burro e assinou, embaixo o nome de "Vává".

"O professor indignado queria punir, imediatamente, o pequeno. Foi quando, para espanto geral, se ergueu o garoto Eduardo:

"— Professor, isto é uma injustiça!

O professor, surpreso, retruca:

"— Injustiça, por que? Todos não dizem que foi ele mesmo?

"— Não foi, — affiança, tranquillamente, o jovem.

"— Se não foi ele, o senhor deverá saber quem foi. Vamos, diga, quem foi?

"— Quem foi não digo (Eduardo sabia qual fôra o colega culpado).

"O professor gritou, então:

"— O senhor pagará por ele. Ponha-se, acolá, de pé!

Eduardo cumpriu a "pena", mas não disse quem era o autor da pilheria. Isso valheu-lhe duas horas em pé, de cara virada para a parede".

Neste menino que se revoltava contra uma injustiça e ao mesmo tempo sofria um castigo injusto para não denunciar o colega culpado, prenuncia-se o cidadão de extraordinária força moral que é Eduardo Gomes.